



QUANDO NARCISO NÃO ENCONTRA O ESPELHO: DILEMAS DA CORREÇÃO DE
REDAÇÕES DE VESTIBULAR
(WHEN NARCISUS DOESN'T FIND THE MIRROR: DILEMMAS IN THE
CORRECTION OF TEXTS OF THE ENTRANCE EXAMINATION)

Roberto Leiser BARONAS (UNEMAT/ PG-Universidade Estadual Paulista-Araraquara)

ABSTRACT: *In this paper, based on Barzotto's ideas, Chartier, Fish and Goulemont, we question the proposition that exists a mistaken reading in vestibular's context. Our hypothesis is that what really exists is an expected reading and most of the times it is not confirmed however. It is also a sense production.*

KEYWORDS: *reading; sense production; interpretation; vestibular.*

0. Considerações Iniciais

O nosso objetivo com esta reflexão é tentar questionar a idéia de que existe leitura “ingênua”, “errada”, no contexto do vestibular. Nossa hipótese é a de que existe leitura esperada e não confirmada, e essa, não deixa de ser uma produção de sentido. Para tanto, analisamos 258 provas de interpretação de texto do Concurso Vestibular 99/1 da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, das quais 25 constituíram o *Corpus* desse estudo.

Nessas provas, os vestibulandos deveriam responder a quatro questões discursivas tomando como base um fragmento do livro de Alberto Manguel, cujo título é *História de Leitura*. Optamos por trabalhar somente com a questão número 2 – “*No seu modo de entender, o que significa: 'Jamais voltamos ao mesmo livro e nem à mesma página?'*” – pelo fato de ser essa a questão com maior índice de “erro”, de acordo com a equipe de correção das provas.



1. Pequeno Diálogo Teórico sobre Leitura

Fazendo uma apresentação panorâmica do desenvolvimento histórico dos estudos acerca da leitura, verificamos que, basicamente, ela foi concebida de três maneiras distintas, a saber: como restituição do sentido único e verdadeiro do texto, como um desvelamento dos múltiplos sentidos inscritos no texto e como sentidos que estão no social, na história que se refletem no texto.

Na primeira concepção, percebe-se que o papel do sujeito leitor é o do mero decodificador do sentido único e verdadeiro do texto e o autor é o sujeito uno, indiviso, sempre consciente que atribui intencionalmente um sentido único e verdadeiro ao texto. É baseando-se nessa concepção, que muitos autores de livros didáticos (principalmente os mais tradicionais) ainda formulam questões como: o que o autor quis dizer?

Já na segunda concepção, o papel do sujeito leitor é ampliado, ou seja, ele deixa de ser uma mero decodificador para ser um co-partícipe na produção dos sentidos inscritos no texto. Dito de outro modo, é na interação entre sujeito leitor e sujeito autor que são (re)construídos os sentidos inscritos no texto.

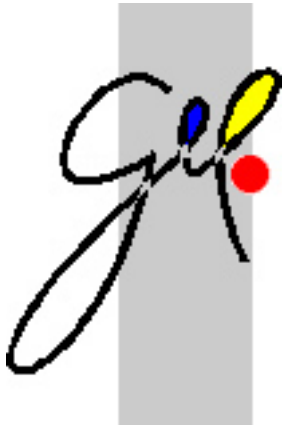
Por sua vez, na terceira concepção tanto o sujeito leitor quanto o sujeito autor e o seu texto são produtos da cultura, da sociedade, da história na qual estão inseridos. Em outras palavras, leitor e autor atribuem sentidos ao texto a partir de determinações sócio-históricas.

Diante do que foi enunciado até aqui, pode-se dizer que, ao longo da história dos estudos sobre leitura, se o sujeito leitor não encontrasse o sentido único e verdadeiro do texto, ou se não desvelasse um dos sentidos inscritos no texto, ou ainda, se não reproduzisse os sentidos, presentes na cultura, na história, no social, estaria produzindo uma leitura “ingênua”, “errada”.

Arrolando esse ponto de vista, poderíamos relativizar a questão e falar em níveis de leitura: *inteligibilidade*, *compreensão* e *interpretação*, como faz Orlandi (1999). No entanto, pensamos que essa proposta não resolve o problema, pois ainda teríamos um nível mais superficial que é a *inteligibilidade*, bastante próximo de uma leitura “ingênua”, e um nível mais profundo, o da *interpretação*, muito próximo do que seria considerado como leitura “certa”.

Com efeito, se passarmos a conceber a leitura enquanto produção de sentidos, seja ela popular, erudita ou letrada, tal qual o faz Goulemont (1996), e essa condicionada, mas não determinada pelo sujeito autor, ou pelo texto, ou fora do texto, será que seria possível pensarmos na existência de leitura “ingênua”, “errada”?

Tendo em vista as reflexões até agora suscitadas nesse trabalho, cremos que não há leitura “ingênua”, “errada”, pois a leitura como produção de sentidos implica na não existência da valoração dos sentidos em certos ou errados, ou seja, conceber a leitura enquanto produção de sentidos sempre significa negar a proposição de que existe leitura errada.



Na realidade, o que existe, conforme enunciado no início desse texto, é uma leitura esperada e, muitas, não confirmada. Ademais, não é porque uma leitura não foi confirmada que ela será errada, uma vez que será sempre uma outra leitura, uma outra produção de sentidos. Nesse ponto, poderíamos fazer uma analogia com a própria língua, ou seja, uma forma variante da língua padrão não se constitui numa forma errada dessa língua e, sim numa forma outra, diferente.

Acreditar na existência de leitura “ingênua, “errada” implica em aceitar naturalmente que os sentidos estão colados ao real e, portanto, que a relação linguagem, pensamento, mundo é direta, que não existe um sujeito atravessando essa relação, um sujeito “ *exercendo a sua liberdade condicionada*” (Ginzburg, 1987: 27). E também, implica em aceitar, sem resistir, que existam sujeitos autorizados a emitir juízos de valor, a julgar que alguns sentidos são certos e outros errados.

2. Da Teoria para a Prática

Conforme enunciado anteriormente, resolvemos trabalhar somente com a segunda questão da prova (“*No seu modo de entender, o que significa: ‘Jamais voltamos ao mesmo livro e nem à mesma página?’*”) em virtude de suas respostas, quase que na sua totalidade, cerca de 98% delas, terem sido consideradas pela equipe de correção do vestibular como “erradas”. Vejamos algumas destas respostas:

- a) *...ninguém pode perder tempo voltando atrás.*
- b) *Jamais a gente volta aos dias passados, a uma história que já aconteceu, porque a vida da gente é como os livros, ou seja, é composta de vários capítulos, e se você estiver no capítulo 3 não tem jeito de voltar para o 2 para o 1.*
- c) *Jamais voltaremos a ler o mesmo livro, pelo fato de não lembrarmos, aliás como lembraremos o que não aprendemos?*
- d) *... ele (autor) quer nos dizer que uma pessoa que já leu um livro como : A moreninha, essa pessoa nunca deverá tornar a ler este livro novamente, porque sempre você irá lembrar alguma coisa por isso tem que ler outro livro.*

Se tomássemos como única referência a vertente que acredita na existência da leitura “ingênua”, “errada”, as respostas acima seriam exemplos consistentes de tal afirmativa. Poderíamos até tentar encontrar as razões que levam os vestibulandos, após passarem onze anos nas escolas “aprendendo” língua portuguesa, a cometerem “tamanho aberração”. Desse modo, enunciaríamos algo como: “Os professores de língua portuguesa do ensino fundamental e médio em vez de passarem o tempo todo ensinando metalinguagem gramatical, deveriam se preocupar também com a redação e interpretação de texto, mostrando aos seus alunos que não existe só a literalidade dos sentidos”.

Creemos, no entanto, que pensando dessa maneira o problema é apenas eliminado e não resolvido. Em outros termos, ao aceitar as respostas acima como “erradas” ou, na



melhor das hipóteses, enquadrá-las no nível da *inteligibilidade*, está se desprezando que os sentidos produzidos por esses vestibulandos são condicionados por sentidos outros que estão estabilizados na sociedade e que são um conjunto de representações da realidade, representações essas moldadas por uma determinada mentalidade.

Levando essa reflexão mais além, diríamos que, atualmente, no mundo ocidental inteiro, vivemos em uma época em que o pragmatismo condiciona boa parte dos nossos pensamentos, ações, sentimentos. Para comprovarmos tal afirmativa, basta ficarmos poucos minutos diante da televisão e observarmos o primeiro comercial: *Almanaque Abril em CD Rom. A forma mais prática de fazer pesquisa*” e/ou observar o próprio slogan do MEC para a educação: “*Educação agora é para a vida*”. Ademais como diz Barzotto (1998: 109), deve-se “*levar em conta que o leitor aborda um texto a partir de sentidos com que ele já está familiarizado devido a leituras feitas anteriormente ou devido à sua maneira de compreender o mundo*”.

Diante disso, parece-nos perfeitamente possível sustentar a hipótese de que as respostas dadas pelos vestibulandos são condicionadas por esse pragmatismo da vida moderna, ou seja, elas refletem bem essa mentalidade do fazer e aproveitar mais com menos tempo, esforço e dinheiro.

Entendemos que essas respostas são sentidos que foram mobilizados, justamente pelos sentidos com os quais esses candidatos se deparam cotidianamente, por meio dos mais diversos suportes (lingüísticos, conceituais, afetivos). Podemos dizer que as respostas dadas, abaixo expostas, confirmam nossa hipótese do relacionamento entre as interpretações feitas pelos vestibulandos e o pragmatismo da vida moderna (também tomado aqui como a maneira que esses jovens têm de compreender o mundo atualmente):

- a) *Hoje em dia a leitura está um pouco esquecida, por isso jamais voltamos ao mesmo livro.*
- b) *... é o que os livros também passam por uma transformação: páginas amarelas, riscadas, sujas, etc.*
- c) *...Ter que voltar atrás significa você não desempenhar um bom papel em qualquer função que seja.*
- d) *...em todo mundo a cada ano surge(m) livros novos, cada vez mais atuais e os livros velhos vão ficando cada vez mais antigo(s).*

Mais uma vez, arrolamos o fato de que as respostas acima, tal como as anteriores, estão presas à lateralidade dos sentidos, ou seja, que os vestibulandos não conseguiram apreender que o enunciado da questão (“*No seu modo de entender, o que significa: ‘Jamais voltamos ao mesmo livro e nem à mesma página?’*”) está em sentido metafórico, portanto, seguindo a atribuição valorativa da comissão de correção, fizeram uma leitura “ingênua”, “errada”.



Seguindo ainda essa mesma linha de raciocínio, poderíamos dizer que, pela falta de uma melhor contextualização da pergunta, os vestibulandos a interpretaram literalmente, produzindo assim respostas essencialmente de cunho do senso comum. Indo um pouco além, considerando-se que o problema não se encontra necessariamente na má formulação e/ou na má contextualização da questão, cremos que o pragmatismo se sobrepõe a possíveis especulações dos candidatos acerca do enunciado proposto no exame vestibular. Em outras palavras, pressupondo que mesmo que os vestibulandos não tenham consciência disso (visão pragmática das coisas), o fato é que eles interpretaram literalmente a questão, não pela falta de um contexto e sim a partir de um contexto profundamente pressuposto.

Com efeito, se observarmos o sentido literal do enunciado da questão (“*No seu modo de entender, o que significa: ‘Jamais voltamos ao mesmo livro e nem à mesma página?’*”), não há nada nele e nem nas palavras que o compõem que mobilize os sentidos produzidos em interpretações como: “...*Ter que voltar atrás significa que você não desempenhou um bom papel em qualquer função que seja*” e “...*em todo mundo a cada ano surge(m) livros novos, cada vez mais atuais e os livros velhos vão ficando cada vez mais antigo(s)*”.

Os sentidos produzidos nessas e nas outras interpretações avaliadas como “ingênuas”, “erradas”, foram mobilizados pela mentalidade atual de que se tem que buscar a qualquer custo a qualidade total e que o novo é melhor do que o antigo. Assim como Fish (1993: 12), cremos que:

O que nós temos não são leitores livres e autônomos em uma relação de adequação ou inadequação perceptiva para com um contexto igualmente autônomo. Ao contrário, o que temos são leitores cujas consciências são constituídas por uma série de noções convencionais que, quando colocadas em funcionamento, irão constituir, por sua vez, um objeto convencional, visto de uma forma convencional.

Isso, no entanto, não implica necessariamente dizer que o sujeito leitor é totalmente assujeitado à cultura, ao social, à história, pois que os sentidos que produz só reproduzem essas estruturas. Implica dizer sim, que esse sujeito constrói a sua interpretação condicionado por essas estruturas e não determinado por elas. Uma vez que, se assim não fosse, as respostas dos vestibulandos seriam idênticas.

Sem estender, por hora, essa discussão, levando-se em consideração a questão da subjetividade e/ou objetividade na produção de sentidos, confirmamos pelos enunciados (exemplos e citações) arrolados no corpo desse trabalho nossa hipótese de que não existe leitura “ingênua”, “errada” e sim leitura esperada e muitas vezes não confirmada. E dando continuidade a esse raciocínio, podemos dizer que as interpretações construídas pelos vestibulandos, embora não se enquadrem dentro do que era esperado pela equipe de correção (que toda leitura é uma nova leitura) elas nem por isso deixam de ter sentido, de serem históricas, de serem culturais.



3. Conclusões Preliminares

Iniciamos esta reflexão tentando questionar a idéia de que existe leitura “ingênua”, “errada” em um contexto bem específico, que é o do vestibular. Trabalhamos com a hipótese de que o que existe é leitura esperada e, muitas vezes, não confirmada e que esta não deixa de ser uma produção de sentido.

Esperamos ter atingido nosso objetivo que foi o de mostrar, ao longo desse texto, que ao julgar uma leitura como “certa” ou “errada”, se está, na realidade, trabalhando com juízos de valor e não com a produção de sentidos dessa leitura, ou seja, se está valorando positiva ou negativamente a interpretação e não tentando entender o que se trava no processo de leitura, como, por que e de que lugar são produzidos os sentidos, etc.

E, também, mostrar que os sentidos produzidos na interpretação não são a-históricos, pré-culturais. Na realidade, eles são mobilizados a partir de nossas crenças, valores, pré-noções, preconceitos, enfim de uma mentalidade. Não quer isso dizer que, a relação entre mentalidade e sentidos produzidos no seu interior seja direta, mas sim condicionada, tanto que, como já dissemos, as interpretações dos vestibulando não se mostraram idênticas.

Assim, embora essas interpretações fossem produzidas a partir do pragmatismo da vida moderna, elas foram trabalhadas de uma maneira diferente com essa mentalidade. Ou seja, cada interpretação lida de forma singular com o que foi dado pela mentalidade. Desse modo, para alguns, faz parte do pragmatismo da vida moderna “*não poder perder tempo voltando atrás*” e “*Ter de abandonar o antigo em favor do moderno*”.

Para finalizar, propomos, até que de uma maneira ousada, que nos próximos vestibulares de nossa instituição (pelo menos), se repensasse a questão da leitura “ingênua”, “errada”, pois que nosso objetivo nesse trabalho foi mostrar que essa questão está mal posta, ou que ela não existe, isto é, não é porque uma interpretação não confirmou o esperado pela equipe de correção, que a leitura dos vestibulandos será considerada errada. Simplesmente, é uma outra leitura, tão histórica quanto a esperada.

Portanto, tendo consciência dos perigos que esse assunto encerra por poderem achar que aqui pregamos que toda e qualquer interpretação é válida, baseamo-nos em Goulemont, Barzotto e Fish de que toda leitura é histórica, ou seja, que um mesmo texto lido em épocas diferentes produz sentidos diferentes. Isso não significa dizer que deve existir um “vale tudo” na interpretação, mas que toda interpretação vale alguma coisa. Valor esse que depende de um outro olhar e de uma leitura mais atenta e demorada dessas produções de sentido(s).

RESUMO: Nesta comunicação, embasados nas idéias de Barzotto, Chartier, Fish e Goulemot, questionamos a proposição de que existe leitura “errada” no contexto do vestibular. Nossa hipótese é a de que o que existe é uma leitura esperada e muitas vezes não confirmada, porém essa não deixa de ser produção de sentido.



PALAVRAS-CHAVE: leitura; produção de sentido; interpretação; vestibular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso: um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976)*. Campinas, SP: [s.n.], 1998, Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- CHARTIER, Roger. (org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- FISH, Stanley. *Como reconhecer um poema ao vê-lo*. In: Palavra, Rio de Janeiro, PUC/RJ. Departamento de Letras, 1993.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, SP: Companhia da Letras, 1987.
- GOULEMONT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.